

1854

AGÔSTO - Ns. 32-35

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



É este o terceiro mez de Agosto que me pilha escrevendo um artigo, á mesma hora e no mesmo logar!

Se eu fosse da ordem das supersticiosas, que explicão pela cartilha das antigas *carochas* (e como explicão ellas tão bem!...) o que quer dizer — a aranha na parede, a lacraia na sala, o grillo chilrando, a borboleta preta no quarto (borboletas que vêem tão a proposito ás vezes...) e mais um cento de outras esturdices desta natureza, estaria ainda hoje scismando na coincidência dos meus tres artigos feitos á mesma hora do mesmo mez, e lá no canto da mysteriosa cartilha necessariamente encontraria alguma explicação que me levasse a praticar... quem sabe... alguma loucura das que o mundo lhe imprime o negro cunho da reprobção, remarcando-a depois com o riso escarnecedor dos cortejos de salão.

Isto era se eu fosse supersticiosa; mas, como não o sou, querida leitora, não vos assusteis, que vos não deixarei de escrever um artiguinho aos domingos, com que vos sirvo, divirto-me, e passo entretida algumas horas que me sobejão, as quaes poderião, se não fosse isto, levar-me a esse estado em que muita gente, não sabendo ou não podendo distrahir-se, ociosidade no caso, fica triste, aborrecida, ou levadinha da carepa, para me pôr a scismar horas inteiras na borboleta preta dos meus tres artigos.

A unica cousa que estou fazendo neste momento, é rir-me da minha lembrança, querida leitora, de recordar-me que á esta mesma hora escrevia eu o artigo de modas, em Agosto de 1852, em Agosto de 1853, e em Agosto de 1854, nada mais: — porque tudo o mais são caraminholas, que nunca deve acreditar-as a senhora que tem dous dedos de razão.

Bem aviada estava eu, quando garatujo estes meus artigos, se os deixasse ficar em meio, só porque sobre a vidraça do meu gabinete veio pousar cançadinha uma pobre borboleta preta, coitadinha, tão innocente como o dormir de uma virgem: ou, se depois de preparar-me para um baile, minha paixão dominante, deixasse de ir, como já o fez uma certa moça: — nada, dizia ella, não vou mais, vi um besouro, preto e reluzente; ali está elle sobre aquella columna do toucador, ah! isto é um máo annuncio!

E não foi ao baile. Eu era capaz de estalar de dor se tal me acontecesse.

São principios de educação que só poderemos afastal-os de nós á força de vontade; mas de nossos filhos, creio ser facil livral-os.

Não fallemos mais da coincidência dos meus tres artigos, que ficarei outra vez em branco, sem espaço nas columnas do jornal para publical-o, se escapar meia pollegada além dos limites marcados. Vamos ao que ha de melhor.

Ainda forão as sedas que absorverão as atenções do mundo elegante que visitou a feiteiceira rua do Ouvidor a semana passada. As amplas e luzentes vidraças, carregadas de lindos côrtes destas seductoras sedas, distribuidas de alto a baixo em graciosa symetria, manifestavão uma completa revolução no gosto dos ornamentos dos vestidos modernos.

Dessas tentadoras vidraças, as que mais sobressahião na escolha e distincção de sedas lindissimas, erão as da casa Wallerstein, e M.^{me} Hortense Laccarriere, a qual ainda lhe addicionou, para completar a exposição de suas novidades, os delicadissimos chapêos das fórmãs mais modernas que ha recebido de Pariz.

Com effeito ás sedas são de um trabalho tão perfeito, de um gosto tão apurado, de uma novidade tão distincta, que bem seguramente vale a pena gastar algum tempo em apreciar-as.

No magnifico enxoval preparado na casa Barat para a filha do Sr. visconde de B... vião-se preciosos vestidos dessas lindas sedas, que fascinavão de gosto e graça.

Erão muitos, e apenas poderei notar entre elles o vestido de noiva, o qual era de nobreza branca todo coberto de renda de ponto de Inglaterra, riquissimo.

Um outro de seda branca caprichosamente lavrada de azul e ouro, enfeitado de rendas de ouro.

Outro de seda côr de rosa bordado de branco com um delicado enfeite de perolas.

Outro de nobreza, azul claro, coberto de renda preta, verdadeira de Chantilly, com grinalda e ramo de peito, de flores matizadas.

O vestido da Sra. Viscondessa era riquissimo: compunha-se de um delicado setim-veludo, côr de canario, coberto de renda ponto de luglaterra.

O de sua joven filha solteira, era simplesmente de escomilha côr de rosa.

Muitos outros vestidos de gosto e riqueza yi na mesma occasião, que, se me não engano, erão

destinados para as galas deste sumptuoso casamento.

Erão elles — Um vestido de damasco preto, enfeitado de verdadeiras rendas pretas — Outro de veludo da mesma côr enriquecido de rendas e brilhantes — Outro de seda, côr de rosa, com folhos lavrados de seda rosa da China e prata, enfeitado o corpo, de renda de prata — Outro de setim preto azeviche guarnecido de renda — Outro de filô branco (para menina solteira) com quatro saias orladas de enfeites prateados, cabeção guarnecido de franja de prata — Outro de seda á disposição, côr de flor de alecrim — Outro de seda côr de rosa lavrada — Outro de seda côr de laranja todo coberto de renda ponto de Inglaterra enfeitado de alvissimas flores e diamantes — Outro de *moire antique* lavrado, côr de flor de alecrim, enfeitado de blond e plumas — Outro de setim preto coberto de renda preta e plumas — Outro, imperatriz Eugénie, de damasco amarello, lavrado de cores matizadas, cabeção Fontanges — Outro (para menina solteira) de garça branca com lavrados côr de rosa e prateados — Outro de seda lavrada, verde, enfeitado de renda ponto de Inglaterra e plumas brancas e verdes.

Ainda vi mais outros vestidos, pertencentes a um segundo enxoval, de que vos não posso dar conta hoje, para vos não fatigar com um artigo extenso de mais.

Não fecharei porém este artigo sem vos recomendar, querida leitora, e a todo o mundo elegante, a magnifica e importante exposição das joias que Mr. Valais trouxe ultimamente de Pariz para a sua Joialheria, rua do Ouvidor n. 81. Compõe-se de delicadas e perfeitissimas obras de ouro, esmalte, brilhantes, e mais pedras preciosas, de um subido merecimento, e do mais apurado gosto dos salões de Pariz. Não deixeis de ir apreciar até que ponto de perfeição a mão do habil artista pôde levar suas obras.

Cattete, 5 de Agosto.

Christina.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUÁRIO DE PASSEIO. — Vestido de seda verde, lavrada, saia liza, corpo de basquine, muito comprido, guarnecida de uma renda larga *quipure*, mangas meias justas com um revezo de veludo preto enfeitado de renda.

Sub-mangas folhas e collarinho de renda *quipure*.

Chapéu de escomilha, blonde e flores.

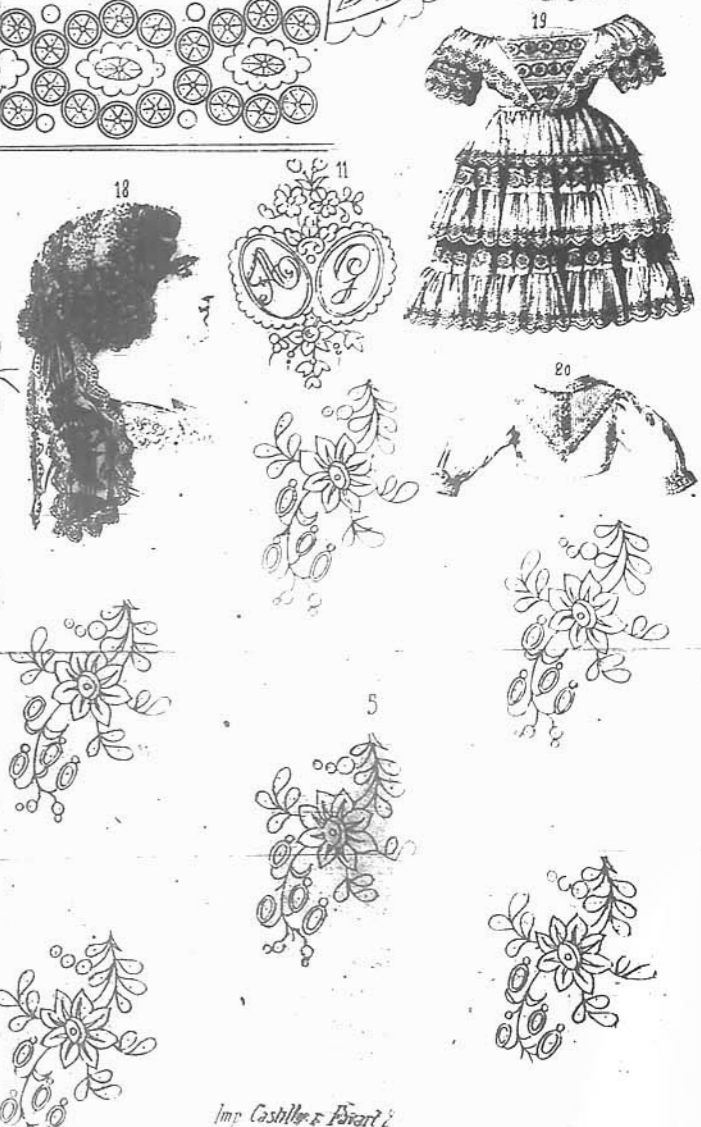
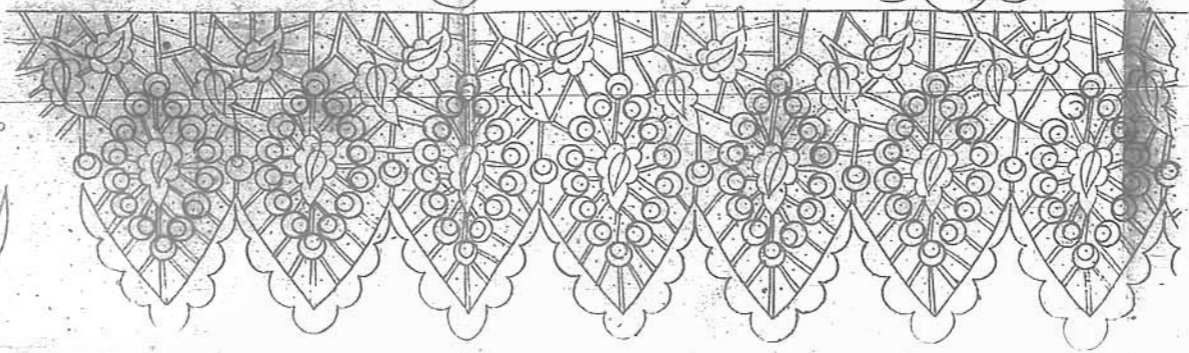
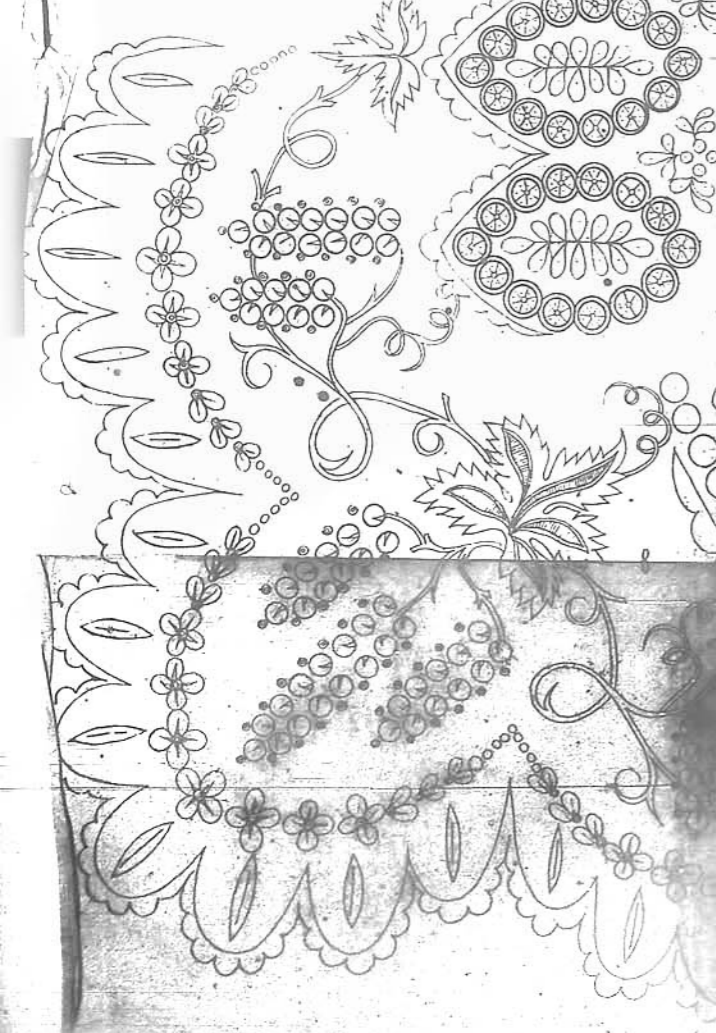
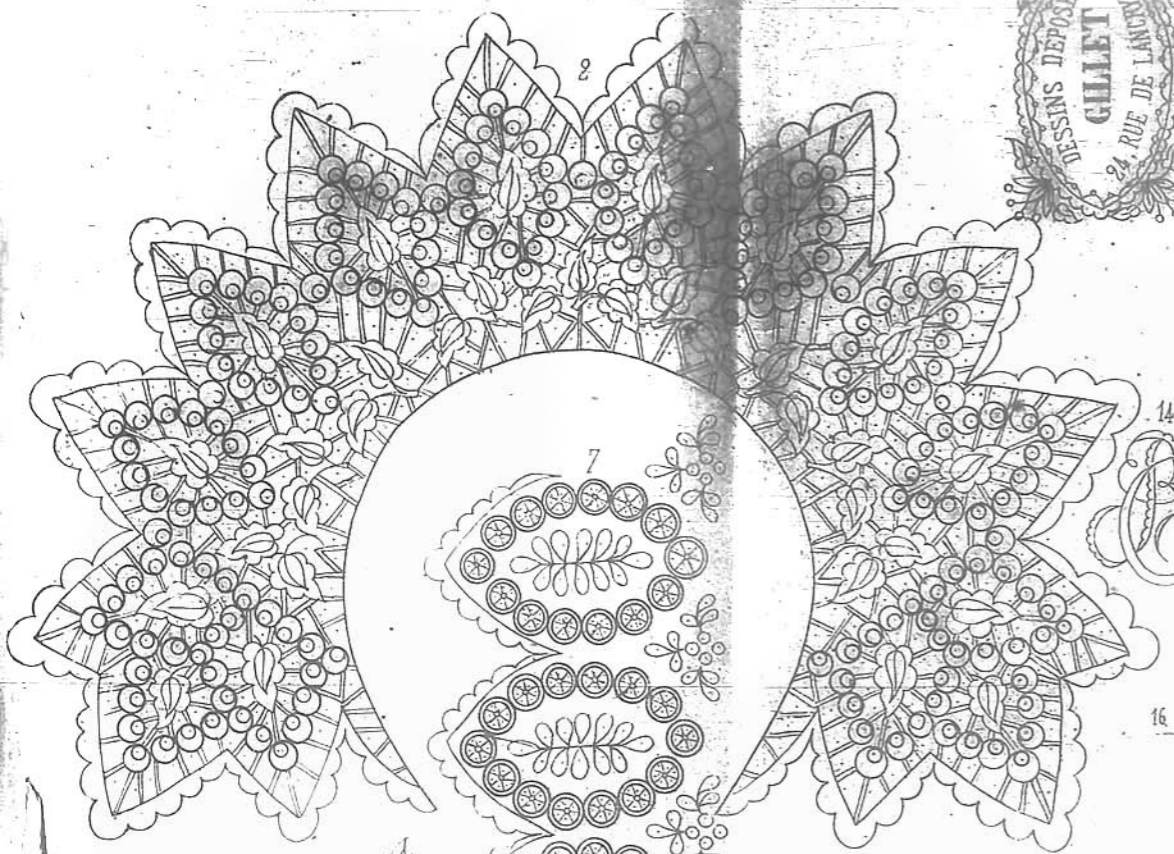
VESTUÁRIO DE BAILE. (Para senhora casada.)

— Vestido de veludo, saia enfeitada em avental, com renda de ponto de Alençon, e bordado de seda.

Corpo liso, de bico redondo, enfeitado da mesma renda e do mesmo bordado. Mangas folhas, com um folo de veludo e um de setim branco, com renda ponto de Alençon no punho.

Penteado de plumas, e enfeites de ouro.

DESSINS DÉPOSÉS
GILLET
24, RUE DE LANCY



AMOR, CIUME E VINGANÇA.

NOVELLA BRASILEIRA.

(Continuado do n.º 31.)

§ VI.

Maria e Adolpho vão-se todos os dias, e raras vezes se fallavam. Ambos se exitavam com cuidado e prudência. Quem os visse, em taes momentos, jamais poderia suspeitar que elles se haviam amado, e..... se amavam ainda. Infelizes; que se illudião mutuamente!

Ella ouviu a voz de sua consciencia, respeitou os seus deveres de esposa, e soube conter no peito os sentimentos de amor que a abrasavam... Soube reter as lavas do vesuvio, que dentro ardia, e que ameaçavam uma terrível irrupção. Resignou-se Maria a não conhecer o seu antigo amante senão como o amigo de seu esposo, o seu salvador.

E elle, pensando desprezal-a, não perdia occasião alguma em que lhe pudesse fugir. Apenas concluisse os negocios que o trouzeram á corte, feccionava partir para sua fazenda, pretendendo sepultar e perder entre os bosques os dias amargurados e sombrios que lhe restavam de existencia. O frio acolhimento de sua amada o havia inteiramente convencido de sua ingratição, e da fraqueza do coração feminino.... Elle jurou não acreditar mais em suspiros, promessas e lagrimas de mulher alguma....

Enganava-se ainda, porque o coração de uma senhora é mais susceptivel de conservar uma paixão do que o do homem. O amor para ellas é a vida, é tudo.... e para os homens não passa de um episodio de sua existencia, que elles com mais delicias intentão desfructuar....

Frederico foi obrigado durante este tempo, a fazer uma viagem á villa de Magé. Apesar de todos os esforços de seu hospede, que queria deixar sua casa e habitar em outra, emquanto fosse forçado a demorar-se no Rio de Janeiro, elle, ignorante que era!... obrigou-o a ali continuar a morar, ao lado de sua esposa, perto de sua amante.... ambos debaixo do mesmo tecto.... tanto se flava Frederico na honra de Maria!...

Adolpho, entretanto, quiz por si mesmo evitar alguma infelicidade que lhe presagiava o coarção. Preparava-se para partir o mais breve possível.

Uma noite estava elle encostado a uma janella que dava sobre o mar. Serião oito horas. A lua começava a sahir, e já mil risços de fogo annunciavam sua apparição, entrecoitando os ares, que se esbranquecião... O mar brandamente se movia, prateando-se ao reflexo do astrô brilhante que começava a apparecer... reina o silencio por toda a parte....

Neste momento o som de uma voz harmoniosa que acompanhava o gemido de uma guitarra roubou a Adolpho as reflexões a que se entregára.... Elle não pôde escutar essa voz sem que profundamente se sensibilisasse.... Era o cânti-

co de um anjo que se confundia com os hirtos da natureza.... Ainda era mais para elle.... porque era a voz de Maria que repetia uma cançoneta, por elle mesmo composta em instantes de melancolia....

Que pensamentos então lhe vierão! Que tristes recordações de dor, de afflicção, de sofrimento se apoderarão desse espirito.... Iraco... quem sabe?... Serieis acaso mais forte?...

Como erão diferentes os dous horizontes, o da infancia e da madureza; o dos amores e da desventura! Que acontecimentos diversos se intercaldarão entre aquella época em que elle compoz a canção, e esta ultima em que a ouviu ecoar como um hymno de amor que se deslisa em honra do Creador... Então o sol risonho da infancia afagava com doce olhar momentos de dita e de ventura, e agora como que a lua com seus suspiros melancolicos, a noite com seu manto tristonho, o oceano com seus gritos de dor, convinhão melhor á sua situação, combinavam-se admiravelmente com o seu estado!...

Todas as idéas da infancia se amontoarão nesse instante... Elle recordou-se de um pai que já não existia... de uma mãe que com tanta ternura o beijava, e cujos restos mortaes estavam longe... no seu paiz natal!...

A dura saudade veio dominar e dirigir Adolpho... Há no Céu que virão nossos olhos, entreabrindo-se á luz, ha no ar que respirou nosso peito joven, livre e contente, ha no nosso paiz natal, emfim, um encanto que nada pôde desfazer.... Elle sentiu então a necessidade de um túmulo.... o de seu pai, talvez.... que servisse de testemunha á sua dor.... que fosse por seus pés calcado e regado com suas lagrimas.... Um túmulo é um objecto sagrado.... um companheiro na infelicidade, um lenitivo no sofrimento....

Estava então a lua de todo descoberta; o golfo do Botafogo apresentava o mais bello espectáculo que se pôde imaginar.... as estrellas que corroavão a dupla ceeste parecião ás vezes despenhar-se no mar, e mergulhar-se nas ondas, tão brilhantes como fios de perolas... A atmosphera estava fresca, apesar de não se sentir brisa alguma....

E a voz maviosa echoava ainda.

Adolpho, banhado em lagrimas, voltou os olhos para o lado d'onde parecia vir aquella harmonia. Como elle a havia reconhecido, como que um remorso o forçava a não arrancar do golfo o seu olhar....

Não pôde suster-se por mais tempo... Por baixo de um caramanchão de jasmim estava sentada uma senhora vestida de branco, a tocar uma guitarra, e a acompanhar seus accentos melancolicos com um cântico ajuda mais melancolico... Div-se-hia uma dessas Sacerdotisas dos Gaulos, que, inspiradas por potestades sobre natu-

raes, prognosticavão a seus compatriotas reunidos o futuro que os aguardava...

Meu Deus! meus Deuses! clamou Adolpho, se me preparavas este espectáculo, para que me não dotasses com uma alma de ferro? Para que não fortaleceste este peito contra todos os embates das paixões humanas? Eil-a ali, aquella unica que eu amei, que eu amo agora, talvez, ainda mais que nunca!... E outro, outro homem a chama sua!... Piedade! oh! meu Deus!... piedade; sinto todas as forças me faltarem... não poderei resistir; a paixão é mais poderosa!... Senhor, tende piedade de mim!...

E Deus o não quiz ouvir, porque a paixão venceu, e elle, desesperado, convulso, todo tremulo, foi lançar-se aos pés della!...

§ VII

O sol dourava já o cume das montanhas lindissimas do Botafogo, e dardelava seus raios voluptuosos sobre as limpidas aguas do mar; e ainda, contra o seu costume, se não havia erguido do leito a esposa de Frederico.

Adolpho passeava só, triste, pensativo, pelas ruas do jardim... por vezes sentou-se embaixo do fatal caramanchão...

Que lindissimo que elle era! Formado de um junco, que todo se torcia, e cujas folhas, desenhando-se ao sol, representavão o mais bello espectáculo, elle abrigava debaixo de seus ramos todos os que ali vinhão pedir refugio, ao passo que recebia por todos os lados o balsamo e o perfume das plantas e das flores que adornavão aquelle logar...

Adolpho, entretanto, nenhuma attenção prestava a tamanhas bellezas, a tantos encantos, parecendo absorver-se todo em uma profunda e serria meditação...

Soavão oito horas quando um escravo veio chamar Adolpho da parte de sua senhora, que naquelle instante acordára. Elle deixou-se levar, como que machinalmente... Entráráo na sala, e ali encontrarão Maria recostada sobre o sofá.

— Approximai-vos, Adolpho, disse-lhe ella, approximai-vos; temeis acaso?...

E elle obedeceu a esta ordem, mas como que envergonhado de si mesmo...

— Oxalá eu nunca vos tivesse conhecido, que não seria hoje a mais infeliz creatural contínuou ella, e não tiveste piedade de meus gritos, de minha dor, de minhas lagrimas?

— Mas não vias tu, Maria, gritou-lhe elle prostrando-se humildemente a seus pés, que eras minha vida... que devias pertencer-me?... Separados, desunidos, viviamos entretanto com os mesmos pensamentos, com as mesmas dores... Eu soffria quando tu soffrias... eu chorava quando tu choravas... alegria, lagrimas desesperação, tudo foi entre nós commum... é impossivel separar-nos...

— Oh! calai-vos, calai-vos, por piedade!

— E pensavas, continuou elle ganhando forças, pensavas, acaso, que eu me reuniria contigo, para de novo collocar nas mãos do destino o poder de separar-nos?... Enganavas-te; esse

novo sacrificio era impossivel... Muito já soffri longe de ti, descanso não conhecia, não conhecia repouso nem somno... só sentia o sangue que me ardia nas veas... Era bastante para enlouquecer ou para morrer!...

— Por piedade, não continueis... blasphemais ainda depois de commetter o crime, o mais vil de todos os crimes?... Olhai para mim, vede esta pallidez que se manifesta em todo o meu semblante, esta febre terrivel e abrasadora que me queima o corpo... que quereis agora que eu faça... e que vos não pude resistir!... Como me hei de apresentar diante d'aquelle a quem jurei fidelidade aos pés do altar? Como hei de receber nesta casa que vio consummar-se um crime horrivel... como hei de eu poder fallar-lhe, quando já os remorsos me dilacerão o coração... quando a manifestação do crime, máo grado meu, se está revelando a cada instante?... Não, isso é impossivel... é de mister separar-nos... é necessario que partas!...

— Eu partir! E como o posso?... Pois é possivel separar-nos agora?... Não... tua presença é hoje minha vida... se queres que eu morra... dize-o, eu morrerrei como desesperado, blasphemando a ti, a Deus, a natureza... a tudo!... Oh! tu não sabes amar como eu te amo... porque, enfim, é mister que eu t'o declare... agora sinto a paixão mais forte do que nunca...

— Eu não sei amar!... Ingrato, e commetti um crime!... Esqueci meus deveres, olvidei a razão... tudo... e isso não é amor? E então o que chamais amor, vós, homens barbaros?... Acaso me não perdi contigo?

— Oh! sim... sim... e que importa o resto? Contigo, Maria, o inferno, a morte!...

— Sim, o inferno, a morte; se o pudesse eu fazer, conservando minha honra, guardando a fidelidade que prometi... Mas para isso... para que eu possa pedir perdão a Deus... é de mister separar-nos!

— Eu deixar-te!... Mas então não ha meio de convencer-te de que não posso viver sem ti... que tua presença, tua vista é tão necessaria para mim como o ar que respiro...

— Nós commettemos um crime, Adolpho!

— Como sois cruel, Maria!... Deixa-me viver dessa vida... deixa-me esquecer esse passado onde ha um crime; deixa-me esquecer esse futuro onde ha remorsos!... Lembremo-nos só do presente!... Só diante de teus olhos vivo!...

— E o futuro?

— Para que cuidar nelle?.. Por ventura cuido eu na morte que, de um instante para o outro póde vir? Não, Maria... venha embora a infelicidade, ao menos gozei na vida momentos felizes, ao menos respandeeu no meu céo uma estrella brilhante...

— Mas eu, que vou morrendo pouco a pouco... não tenho essa força de que alardéas... porque desde o momento em que fui tua victima, não tive um só instante de repouso... porque verei continuamente meu esposo nas minhas vigílias, nos meus sonhos... Tem piedade do mim, Adolpho... é preciso que partas...

— Não, não posso... quero espirar a teus

olhos... tamanho sacrificio não cabe em mim... só tenho forças para amar-te....

— Pois, barbaro, não vias que tudo isto era para poupar-te a vista de um outro crime? Não conhecias o nosso coração?... Pensavas acaso que uma senhora que faltou ao mais sagrado de todos os deveres, fosse qual fosse o motivo, uma senhora de educação que trahia os laços conjugaes, podia ver em face seu esposo, abraçá-lo, fallar-lhe com palavras hypocritas, suspiros e sorrisos fingidos? Pensavas que depois do meu crime, eu seria ainda tão vil, que illudisse aquella a cujos destinos está ligada minha vida, que dormisse tranquillamente sobre seu peito, que pudesse friamente descer ao sepulcro? Enganavas-te... Commetti um crime, sujeito-me ao castigo. Enganei meu esposo, é de mister vingança!... Adolpho!... E não comprehendias isto? Que pallidez é esta minha? Que dolorosa contracção de meus labios!... Vós, homens, sois capazes de tudo, aptos para tudo...! Não queres partir... pois bem! a presença ao menos minha morte!... Eu estou envenenada!...

§ VIII.

Ha na Igreja de S. Bento, situada na villa de

Iguassú, um tumulo, entre outros, que sempre foi respeitado por todos os habitantes daquelle logar, por causa dos milagres e actos de beneficencia que praticára em sua vida a pessoa que se achava nelle dormindo o somno eterno...

Em cima desse tumulo estão gravadas as seguintes palavras:

« Aqui jaz Maria, filha obdiente, esposa fiel, dotada dos melhores sentimentos. Pobres e infelizes que nella encontrastes sempre um coração disposto a fazer o bem... rogal por ella... Nasceu em S. Bento em 1816, e morreu no Rio de Janeiro em 1856. »

— No livro dos assentos de obito da freguezia de Vassouras se acha escripta a seguinte declaração: — Morreu Adolpho de... em janeiro de 1856; foi enterrado nesta Igreja...

Os moradores dessa freguezia que conhecerão esse joven, dizem que elle, de volta de uma viagem do Rio de Janeiro, cabiu gravemente molesto, e quasi que enlouqueceu... Ignorava-se os motivos que lhe causarão tamanha desventura. Por vezes elle se tinha querido assassinar; mas de repente vinha-lhe uma boa idéa, lembrava-se de que o — suicidio era um crime moral, religioso e social....

PEREIRA DA SILVA.

POESIA.

TEU NOME.

Teu nome é bello como são teus olhos!..
E' tão divino como a tua falla!..
Tão doce, e tão suave como o cheiro
Que a flor da laranjeira á noite exhala.

Tão bello—como o canto d'araponga
N'ardente sesta a descantar amores!..
Suave, como o lyrio das campinas,
Como o perfume das agrestes flores!..

E' tão bello—teu nome—como a virgem,
Como de minha mãi um doce afago;
E' tão bello—teu nome—como o cysno
Vagando no formoso azul de um lago.

Tão puro!.. como a prece dos archanjos,
Como a purpurea rosa em mez de abril;
Tão bello—como a lua—á meia noite—
Engastada n'um Céu de puro anil.

E' tão bello—teu nome—qual estrella
No furor da procella scintillando!..
Tão doce, como a falla da donzella,
Como a lua nas aguas se occultando.

Teu nome é bello, como a flor das campas!
Tão puro e magestoso, como a cruz....
Teu nome, de continuo em minha mente,
A' minh'alma dá vida, aos olhos luz.

Leonor G'''

O NÚMERO OITO.

Parece que, por uma dessas fatalidades que só a Providencia pôde explicar, a todas as existencias agitadas ligão-se certos phenomenos incomprehensíveis, e que no entanto exercem uma grande influencia sobre a vida do homem. Ha certas palavras mysteriosas, que pronunciadas soltamente vão ferir as mais delicadas fibras do coração que acorda muitas vezes de um scismar profundo ao abalo violento desse choque estranho! Ha objectos, que apresentados á vista de um homem, sua intelligencia como se abre n'um lucido clarão e aponta com sua luz o passado inteiro de uma vida! Harmonias que com sua vibração vão despertar no peito recordações de dor ou de prazer, sensações amargas ou doces! Numeros cabalísticos que se ligão á existencia de um ser e o acompanhão em todas as phases de sua terrea peregrinação, como um salto de maldição!

Fossem fallar de Samuel Basar a Jorge, o visionario; Do numero 27 a Edmundo Bantes, o encarcerado de If, Do numero 45 a Rodolpho, o príncipe da *oité de Paris*. O primeiro daria um grito feroz; desconhecido, hediondo. O segundo deixaria cair a cabeça sobre o peito, e talvez soltasse uma blasphemia. E o terceiro deixaria-se-hia escorrer pelas escadas do alçapão subterraneo da taverna de Braço-Vermelho!

Eu tenho também o meu numero cabalístico — o numero 8; a minha harmonia do coração — a *Lucia de Lammermoor*; falta-me sómente uma palavra — um nome. E no entanto, amo o meu numero 8; como o poeta ama a sua primeira inspiração, como as aves do bosque a folhagem das arvores, como o homem sentimental ama a tristeza, como se pôde amar aos quinze annos. Para mim fica sendo a data de uma nova era, a minha sensação mais doce, a minha visão mais querida, o meu sonho mais bello, a imagem de minhas adorações; a santa de minha creança, o astro de minhas phantasias, o anjo de minhas noites de insomniã, o céu de minha alma, a fada de meus pensamentos, o sol de minha vida!

Oh! eu amo a minha estrella fugitiva que veio com seus puros raios illuminar-me as trevas do peito. Oh! eu amo essa flor perfumada que veio embriagar-me os sentidos. Eu a amarei por toda a vida, essa minha illusão de momento que veio dourar meus sonhos esquentados; esse anjo ou essa mulher que veio queimar com os raios de seus olhos a fonte crystallina de meu socego d'alma.

Nessas curtas horas de minha contemplação, não vivi — dormi o sono da embriaguez. Cada movimento seu era como um choque electrico

que me abalasse as fibras. Cada volta de seu rosto para um lado estranho era como uma nuvem que me escondesse o sol; e as horas passarão-se ligeiras como a felicidade, sumiu-se a minha visão como um phantasma de nevoas; as alvas saias de seu vestido branquearão-me na escuridão da noite, como as asas de um cygne deslizando a lagoa; seu mantetele cor de cinza era como um pedaço de céu, em horas de crepusculo, quebrado á nossa esphera; seu passo era rapido como a timidez. Acompanhei-a um instante, e vi-a vagando ao longe como uma apparição encantadora, sumiu-se-me ao quebrar de uma rua como se me partissem um quadro de elevado primor; depois inda vi-a uma vez, acompanhei-a então com o delirio de minha febre, com a exaltação de meus sentidos, com toda minha alma; e ella sempre fugindo-me como uma sombra vaporosa, um sylpha magico, como a undina das aguas.

E eu talvez que nem um pensamento lhe mecesse, nem uma lembrança, nem uma recordação, inda que fosse de odio. . . . Oh! quizera, como seu anjo da guarda, velar junto á seu somno: havia acalenta-la com meu halito, bafeja-la com o bater de minhas asas, e de continuo recitar-lhe esta oração, adormecel-a com este canto, acordal-a com esta entoação, que me resume a historia dessa noite de tormentos para mim:

Sabes porque te amei? Escuta, anginho.

Vou dizer-te a verdade sem refulhos:

E' que a vida senti brilhar-me n'alma

Só a um raio de luz desses teus olhos.

Sabes porque te amei? Porque vieste

Meu peito resumir n'um só desejo...

Só te peço um olhar, uma só phrase,

Um gesto só p'ra enlouquecer sobejo!

Oh! ama-me por Deus! Pouco te custa.

Que vale um sacrificio a tanto amor?

Vê que a vida me dá n'uma palavra,

Mas essa que mitigue a minha dor.

Que mais queres do mundo? Dou-te um peito!

Oh! falla. P'ra ouvir-te fico mudo...

Dá-me tua alma, te darei um throno,

Minha vida, meu ser, e Deus e tudo!

B...

MINHAS DISTRAÇÕES.

A ASSEMBLÉA DOS RATOS.

(Continuado do n. 31.)

Aqui suas forças se extinguirão; cessou de falar; deu um profundo grunhido, seus membros se inteirificaram; e morreu! Um momento só durou a impressão dos sábios conselhos do moribundo.

O caminho da despensa, cujo cheiro trahia seus thesouros, a mesa em que estava o pão, tão fácil de subir, tinha sido ensinada, e todos os pensamentos para ali se voltarão. Era melhor tentar a fortuna, comer sem custo o roubado, do que trabalhar. Tal é a força do habito. Todavia, o novo general, vendo-se forçado a obedecer ás ordens de seu infeliz antecessor, reuniu toda a população n'um largo da cova, e allí todos ouvirão recitar as *maximas* que lhes havia legado, morrendo, o seu virtuoso governador.

— Trabalhar! repetirão unisonas as turmas rataes logo que acabarão de ouvir as ultimas palavras; e que trabalho nos quereis offerecer que nos seja proveitoso? Por ventura nascemos para o trabalho? Nosso destino é desfructarmos a industria alheia; não podemos portanto mudar o que a habito de nossos pais nos tem legado em herança. A's excursões! ás excursões! bradão cheios de enthusiasmo todos os ratos com rebeldia; dizei-nos onde estão esses thesouros que esse *velho tonto* contentou-se sómente de notar, que nós vos mostraremos os fructos de nossos primeiros ensaios. Não temais, que seremos fortes. A fortuna quer loucos; essa cega divindade não vai procurar aquelle que indolente se espreguica na cinza do lar, mas ao temerario que se expõe aos perigos do caminho para en-contral-a.

— Viva a liberdade! gritou um ratinho mais fallador.

— Viva a liberdade! entoou em côro toda a assembléa dos ratos movida por um choque geral que estas palavras electricas produzirão.

Uma hora depois estava a casa que acima indi-

cámos invadida de ratos. Por toda a parte ouvião-se estrondos; algumas vezes parecia uma serra que cortava; outras, corridas de dezenas de ratos pelos corredores investião aos gatos, derrivavão as ratoeiras: erão os ratos mais des-temidos do mundo. Os habitantes da casa não tinham descanço, nem mesmo de dia; esses animaes vinhão em manadas com o sol claro invadir a copa.

Houverão meios de penetrar na despensa; nella commetterão grandes estragos; por muitos dias esses valentes aventureiros tinham-se recolhido á cova carregados de ricos despojos: pedaços de toucinho, fructas, lascas de presunto, quartos de queijo, e doces; e allí, cobertos dos favores da fortuna que a sua temeridade soube merecer, desafiavão a desgraça que os viesse assaltar com seus rigores.

Mas ah! os imprudentes ignoravão que tanta ventura era a portadora da desgraça, e que os bens possuidos de modo tão illicito não podião ser duraveis: cedo ou tarde chegaria a hora do castigo. Um dia em que voltavão ás suas explorações admirarão de ver a casa sem gente; sem gatos, nem ratoeiras; e o que mais os surpreendeu foi ver delicadas comidas com profusão espalhadas por todos os quartos e corredores.

A alegria foi geral e expansiva. Honrãrão o *banquete* com um frenetico appetite, engolfarão-se nos odorificos bocados dessa infinda mesa, e bebêrão a morte: todos esses manjares estavam envenenados!

No dia seguinte tirava-se de casa carradas de ratos estufados. Quando a familia voltou á sua residéncia estava já esta livre da praga com que havia sido atormentada. O diminuto numero de veteranos que tinham ficado no buraco por não terem podido acompanhar os jovens, não tendo mais do que sustentarem-se, morrerão de fome; e morrendo repetião já desallecidos: « O nosso defunto-amigo tinha razão. »

Só pelo trabalho e applicação se pôde gozar de verdadeira felicidade na vida!

A Indígena do Ypiranga.

UM JOGADOR MENOS MAU.

Entre certos *marrecos* incansaveis no jogo havia um tão *pichote*, ou por outra, tão *caipora*, que o seu forté era—perder sempre.

Todos os seus fuidos, poucos ou muitos, tinham-se evaporado como se fossem gasosos; e, apenas restavão-lhe algumas moedas, com que entendeu, pela ultima vez, evocar em seu favor, o auxilio do seu—*mãz fado*— que até allí, um só dia não discrepára em perseguil-o.

Seus companheiros, para ainda mais zombarem d'elle, estabelecerão, que, em lugar de jogarem, todo o dinheiro, que se aportasse naquella

noite, seria de quem fosse ao cimiterio, e trouxesse uma caveira, á meia noite.

— E' o ultimo dinheiro, que lhe resta,—disse um delles;— e talvez, a sorte, que é tão caprichosa, o queira favorecer hoje; é um *palpite*, que eu tenho, e que talvez elle tenha: assim, não se jogando será muito capaz de ir buscal-a. Fazá-mos nós uma cousa: preguemos-lhe um susto e fiquemos com o dinheiro.

Alta noite, estava a mesa coberta com o ouro parado, quando o nosso jogador, cujos olhos fais-cavão de cubiça, animou-se e correu ao cemite-

rio; e fazendo das tripas coração, começou a procurar entre os ossos, até que tirou uma caveira.

— Larga essa, que é de meu avó! Gritou-lhe uma voz lugubre e pausada.

Tremendo, o jogador olhou para um e outro lado; frio suor escorria-lhe do rosto, nem que tivesse sahido de um banho. Receiava-se de tirar outra; mas o demonio da cubiça o tentava, mostrando-lhe a cada instante o monte de dinheiro que vira na mesa: tirou segunda.

— Larga essa, que é de meu pai! gritou-lhe a voz, cada vez mais triste e pavorosa.

O pobre coitado, nem mais se animou a levantar os olhos: os dentes lhe batião uns nos outros, quasi como um tambor rufando; contudo, de olhos baixos, agarrou terceira, e deitou a correr.

— Larga essa, que é a minha! bradou-lhe um phantasma correndo-lhe no encaço:

— Larga! larga! que é a minha!
E a nada o jogador attendia.

Quasi morto chegou á casa, e largando a caveira na mesa, disse:

— Eil-a aqui:—eu a trouxe; mas o dono ahi vem atraz.

Todos olharão para elle espantados! Mas, a cara que o pobre diabo mostrava, e além disso, um apressado tropej na escada, inculcu-lhes tal terror, que fel-os como que tomarem azas, e fugirem da sala; ao mesmo tempo que o jogador, ajuntando rapidamente o mealheiro, fugia para o outro lado.

Não; que primeiro estava o dinheiro que o obrigou a rapar tão grandes sustos.

Josefon.

Anecdotas.

Um individuo todo vestido á moda, porém de aspecto sisado, chegou ao confessorário afim de cumprir o mandamento sacramental. No decurso da confissão o penitente disse com toda a franqueza: — Padre, accuso-me mais que murmuro muitissimo dos pregadores.— Sim, lhe respondeu este; e qual é a razão que a isso o obriga? — Meu padre, lhe retorquiu o confessoado, pelo mal limado das palavras; pelo humilde dos conceitos; e o violento dos logares!...

O confessor, ficando muito admirado, perguntou-lhe: — Que occupação tem o meu penitente? — Eu sou funileiro! — Ah! sim: lá me pareceu: eu o absolvo *in nomine patris, etc.*: e adeus, vá para á loja deitar pingos e fazer funis!

Estavão em uma sociedade algumas senhoras, e um moço que passava por espirituoso, vendo uma criança, filha do dono da casa, que era muito esperta, disse para a mãe: — « Este menino é muito galante e esperto; porém é pena, porque, desgraçadamente, as crianças que são espertas em pequenas, vem a ser estupidas em grandes. » — Ao que acudiu o menino: dizendo muito depressa: — « O mamãa, então o seuhor for muito esperto em criança. »

CHARADAS.

O prévio trabalho sou
Em que as abelhas se occupão,
Para em meu seio encerrarem
Toda a substancia que chupão, 2

Dirijo o culto dos templos
Judeu, romano ou pagão;
Porém dos três o mais bello
E' o do mundo christão. 2

Sempre junto á realeza,
E tambem aos poderosos,
Cruel guerra vai soffrendo
Dessa chusma de invejosos,

Onde ha centenas ha cem. 1
Onde ha vinte e cinco ha prima; 1
Se a cortão, de pé p'ra cima,
Meia duzia em cinco a tem. 1
Essa mesnia, que ora vem
De soffrer breve mudança
Que na meia duzia a lança, 1
Existe onde houver cinquenta, 1
E tambem onde sessenta, 1
Mas por fim nada se alcança, 1

De Márte ao filho, ao viajor activo,
Bastante sirvo, qual prestante amigo;
Este appoximo á desejada méta,
Desvio aquelle de fatal perigo.

A charada do n. 31 é: Remido.



Acompanha este n.º 32 uma estampa com figurinos de baile e de passeio.